

CENTRO UNIVERSITÁRIO DO SUL DE MINAS-UNIS/MG
COMUNICAÇÃO SOCIAL COM HABILITAÇÃO EM JORNALISMO
LOUI JORDAN VITOR CÂNDIDO

AUTISMO: análise da comunicação

Varginha
2018

LOUI JORDAN VITOR CÂNDIDO

AUTISMO: análise da comunicação

Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo do Centro Universitário do Sul de Minas – UNIS/MG como pré-requisito para obtenção do grau de bacharel, sob orientação do Prof. Marco Antônio Nogueira Azze.

**Varginha
2018**

LOUI JORDAN VITOR CÂNDIDO

AUTISMO: análise da comunicação

Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo do Centro Universitário do Sul de Minas – UNIS/MG como pré-requisito para obtenção do grau de bacharel, sob orientação do Prof. Marco Antônio Nogueira Azze.

Aprovado em / /

Prof. Esp. Marco Antônio Nogueira Azze

Prof. Dr. Terezinha Richartz Santana

Prof. Me. Rafael de Almeida Moreira

Obs.:

RESUMO

Este trabalho aborda o tema autismo, mais precisamente a comunicação autista. A escolha se deve ao fato de considerar o autismo um assunto de relevância social, a análise consiste em compreender através de observações, a comunicação do autista. O objetivo da pesquisa é observar o processo de comunicabilidade e claro, as condições na qual esse processo é feito, tendo isso em vista, não existe a pretensão de explicar com tom autoritário o que é ou deve ser feito no ambiente de convívio comunicacional dos autistas. O que se pretende é apresentar as questões e argumentações acerca de todo o exame de observação e pesquisa, ao ponto de gerar uma reflexão de cunho não só jornalístico, mas também coletivo. A tarefa de colocar as propostas na mesa, fez com que o uso de metodologias descritivas e abordagens qualitativas fossem as mais apropriadas. Tanto a revisão bibliográfica, quanto a pesquisa de campo, foram as ferramentas utilizadas. O universo infantil escolar foi o campo pesquisado e onde o convívio determinou rupturas devido a um olhar próximo e uma averiguação mais áptica. Toda investigação demonstrou o obstáculo do autista com os tipos de linguagens e códigos, ressaltou também a importância de ser inserido em um contexto de aprendizado infantil o quanto antes. Não se busca nenhum tipo de antídoto, afinal de contas, o resultado é saber que estamos tratando de pessoas absolutamente adaptáveis e capacitadas.

Palavras-chave: Autista. Conceito. Processo comunicacional.

ABSTRACT

This work addresses the autism theme, more precisely autistic communication. The choice is due to the fact that autism is considered a matter of social relevance, the analysis consists of understanding through observations, autistic communication. The objective of the research is to observe the process of communicability and of course, the conditions in which this process is done, having in view, there is no pretension to explain with an authoritarian tone what is or should be done in the environment of communicational conviviality of the autistic. What is intended is to present the questions and arguments about the whole examination of observation and research, to the point of generating a reflection not only journalistic but also collective. The task of putting proposals on the table made the use of descriptive methodologies and qualitative approaches more appropriate. Both the bibliographic review and the field research were the tools used. The children's school universe was the field researched and where the conviviality determined ruptures due to a close look and a more apathetic investigation. All research has demonstrated the autistic obstacle with the types of languages and codes, and also stressed the importance of being inserted in a context of early childhood learning as soon as possible. No antidote is sought, after all, the result is knowing that we are dealing with people who are absolutely adaptable and capable.

Keywords: *Autistic. Concept. Communicational process.*

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APAE – Associação de Pais e Amigos dos excepcionais

TEACCH – Tratamento e Educação de Crianças Autistas e com Desvantagens na Comunicação

PECS – Sistema de Comunicação por trocas de Figuras

ABA – Análise do Comportamento Aplicada

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	07
2 A COMUNICAÇÃO AUTISTA.....	09
2.1 O conceito autista	09
2.2 O autista no campo social	11
2.3 Processo de aperfeiçoamento comunicacional	12
2.4 Análise de discurso	14
2.5 Ferramentas de comunicação	16
2.5.1 TEACCH	17
2.5.2 PECS.....	18
2.5.3 ABA.....	21
3 MATERIAIS E MÉTODOS.....	25
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	27
5 CONCLUSÃO.....	30
REFERÊNCIAS	32

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho consiste em analisar o processo comunicacional do autista, trabalhando especificamente com as crianças. O atual cenário social faz com que as relações interpessoais sejam mais restritas e escassas devido ao grande fluxo de informação e também as tais redes sociais, ao mesmo tempo em que se está conectado, está também sozinho. A partir disso surgiu a ideia de trabalhar a comunicação no ambiente vivido por autistas.

O autismo é um distúrbio neurológico deixando parte da comunicação e principalmente, interação social comprometidas. A pessoa autista tem ampla dificuldade de se incluir em um contexto de interatividade, tachados de inteligentes e diferentes por muitos, o autista é um mistério. É claro que várias pessoas possuem uma opinião sobre o tema, seja ela com embasamento ou por pura intuição, mas a proposta é analisar o autista como ele realmente é, na forma mais genuína e natural, a espontaneidade através da comunicação pode mostrar quem somos.

A questão jornalística é fundamental, pois um comunicador deve ao menos saber compreender aqueles que de certa maneira, talvez não façam parte de seu leque de divulgação. Um problema a se destacar é a possibilidade dos pais de crianças autistas, não saberem conduzir seus filhos em um primeiro momento. É possível e ao mesmo tempo ajustável, uma pessoa que detém esse transtorno neurológico ter uma ampla dificuldade de conviver em um ambiente escolar e sendo assim, se sentir melhor em um lugar onde o contato social seja reduzido ao máximo.

Uma hipótese considerável e aplicada, são as variantes de sociabilidade que são desenvolvidas nas escolas, sejam elas instituições especializadas ou não. A dificuldade notória para a forma de comunicar, muitas vezes classifica a pessoa diagnosticada com o transtorno como inferior, esse é o tipo de cuidado que se deve tomar. A justificativa de uma pesquisa apurada e estruturada se condiciona a isso, não se tratando de inferioridade e sim de diferença. A importância do projeto é de valor significativo, não se trata de buscar uma resposta resolutiva dos supostos problemas ao qual o tema de certa forma denuncia, no entanto, o desenvolvimento de um trabalho bem feito e com embasamento é a contribuição de lastro social, privado e acadêmico.

Algumas famílias estão incluídas no espaço autista devido a presença do mesmo no seu convívio privado ou particular, em um ambiente contemporâneo onde a divulgação de informação é alarmante e o contato comunicativo pessoal tem sido reduzido pelas plataformas

e meios eletrônicos, é de fundamental importância saber como se comporta a propagação de informações e os novos padrões de vida dentro do mecanismo autista.

A comunidade que se deslumbra com tamanha propagação de informações, algumas com conteúdo, outras nem tanto, certificará que o artigo tem a fidedignidade com o objeto de análise. O objetivo é tornar um assunto dessa magnitude em conhecimento geral e principalmente, que as pesquisas complementem as justificativas por trás de cada argumentação. A abordagem é necessária para a construção de laços e a desconstrução de certezas criadas por um aspecto cognitivo altamente virginal.

O projeto não busca uma resposta resolutive ou a tentativa de encontrar uma descoberta que remediasse o objeto de análise, muito pelo contrário, a peleja não pode ser resolvida se não for conhecida por meios empíricos ou ao menos estudada, portanto, o trabalho visa suprir novas ideias e novas concepções acerca do autismo. Algumas vezes nos deparamos com um estilhaçamento de conceitos e características do autista, o zelo com o ser humano é uma prioridade para a excelência da obra acadêmica e aqui deixo a garantia da compactuação do autor com esse modelo de aplicação.

O autismo é cercado de muitas perguntas e até mesmo respostas. Não se deve criar barreiras ou estabelecer “fronteiras”, através do trabalho e processo de linguagem e conseqüentemente comunicacional, é que se estabelece diálogos. Mais do que simples palavras, são trocas de mensagens que se fazem presentes.

2 A COMUNICAÇÃO AUTISTA

O autismo está presente na vida de muitas pessoas e famílias, mais do que isso, está em cada esfera e área da sociedade e da vida privada. O distúrbio neurológico que acaba prejudicando a comunicação e afetando assim a interação social, possui seus traços e embaraços não só relacionados a parte comunicativa, como também social. Para se adequar melhor nesse importante tema, será necessário entender e passar a escolher os caminhos que a comunicação e os atos comunicativos nos indicam. A seguir, serão apontados alguns tópicos para um melhor entendimento do sistema comunicacional.

2.1 O conceito autista

Não se pretende correlacionar conceitos ou buscar um que encaixe. Durante muito tempo a definição de autista e, principalmente, a concepção e a caracterização que se criaram foi de certa forma reformulada ou então, poderiam até estarem equivocadas. Todas essas percepções individuais acerca do autismo, podem possuir seu valor na necessidade de criar um significado. A pergunta que fica é: o conceito é complicado de se entender ou existem muitos conceitos espalhados por aí? Pois bem, a palavra em si é oriunda do grego “autos”, que pode ser estabelecida como “de si mesmo”.

Apenas isso não foi e não é suficiente para traduzir o seu conceito, mais do que buscar uma resposta final, busca-se responder os porquês de cada definição dada e a caracterização atribuída por cada um. A informação é peça chave no desenvolvimento do conceito autista e para se conhecer um objeto não basta pesquisá-lo, o exame rotineiro e a observação próxima ou “no local” se faz essencial.

A informação deve poder circular. A sociedade da informação só pode existir sob a condição de troca sem barreiras. Ela é por definição incompatível com o embargo ou com a prática do segredo, com as desigualdades de acesso à informação e sua transformação em mercadoria. (MATTELART, 2005, p. 66).

Essas barreiras podem ser compreendidas de várias maneiras. Abordando o pensamento de Mattelart (2005), a informação que circula e se propaga sobre autismo, pode ser certa ou errada. Dependendo como é decodificada, pode nos levar a criações de conceitos estereotipados e até mesmo romantizados. A sociedade da informação ao ser alimentada de referências que ela

mesma cria ou se condiciona, pode ocasionar em uma resposta sem direcionamento nenhum, a probabilidade de existir um jeito até injusto de se conceituar, é grande.

O conceito não pode estar preso ou fechado, o ato de romantizar, dramatizar ou inserir em um pensamento pontos característicos uniformes é perigoso. O fato de uma pessoa achar que um autista é agressivo, calado e inacessível é a condenação de um conceito enrijecido.

A linguagem não pode ser reduzida a um reflexo dos interesses sociais e que portanto, existe uma certa autonomia, mas enfatiza encontrar-se ela presa em redes de relações sociais inscritas em sistemas políticos, econômicos e ideológicos. A linguagem é o campo de tensões e interesses conflitais. As avaliações de um discurso e as respostas individuais a um enunciado estão longe de ser uniformes. (MATTELART, 2005, p. 147).

O trecho de Mattelart (2005) se refere à linguagem, toda essa linha tênue de conceito e informação estão ligados também à comunicação. Os conceitos que tanto entrelaçam sociedade a fora, possuem na linguagem seus códigos, que são cheios de intenções e buscam a aceitação de seus interlocutores. Podemos traçar uma linha paralela com a linguagem que por muitas vezes é uma ferramenta de argumentação que potencializa os conceitos. Esse utensílio pode fazer a ideia se tornar uma forma de pensar e agir em massa.

Ora, talvez pensar que o autista ao não se comunicar de forma clara e coesa com as demais pessoas consideradas “comunicativas” ou “interativas” seja um traço de diferenciação que denota distúrbio. Fazendo explicitar a revelação das forças que a linguagem possui em torno de conceitos que ecoam nas mais variadas esferas. É claro, a importância de uma adaptação é considerável, mas o fato de não haver uma uniformidade, não permite intitular ninguém como um sujeito diferente a ponto de se adequar a um código que talvez, para ele, seja distinto.

A informação, ao ser sacrificada devido a suas fragmentações, é o que torna um conceito refém de uma linguagem que é estabelecida. Muito mais do que achar um conceito vitalício ou fidedigno, a essência da significação de objeto de análise está no que ele é, isso não se constata olhando em dicionários ou algo do tipo. A base do conceito só será plausível, quando o receptor e emissor souberem mais do que os códigos, os caminhos. O conceito autista é proposto de uma forma e introduzido de outra e pode ser interpretado em diferentes planos.

2.2 O autista no campo social

A compreensão do autista no campo social é de profunda importância na sua compreensão dimensional. Ele afeta ou é afetado? Em uma circunstância de apurado raciocínio é pensável a hipótese de que uma criança autista pode ser colocada em uma relação de poder, onde ela é dominada. É como se a sociedade moldasse um protótipo a ser seguido e claro, não só as manifestações coercitivas teriam vozes, mas também as comportamentais e as projeções transcendentais.

De acordo com Mattelart (2005), “o ‘desenvolvimento’ de cada sociedade específica depende, antes de mais nada, da evolução de suas estruturas internas. Cada sociedade passa obrigatoriamente por etapas, e a história de cada uma responde a um ‘modelo sucessivo’”. O fragmento demonstra que o desenvolvimento das sociedades, implicam em um condicionamento de suas microestruturas, dando assim o poder de guiar novos ou sucessíveis modelos dominantes. A relação com o autismo é evidente, a variante que constata uma certa ocultação das expressões autistas no meio social, é a queixa de maior reparo desigual em termos de relações de poder.

Não se faz concreto, a consciência de que pessoas preparadas e ambientalizadas com a causa devam se excluir. Ao contrário, se trata de uma certa inserção de autonomia daqueles que são sutilmente retirados da discussão pública, compreendida também como relações sociais que se estabelecem mediante a poderes. Para Mattelart (2005), “a recepção e o indivíduo-consumidor ocupam lugar central na concepção neoliberal da sociedade”. O trecho é fundamental para escancarar a função que cada um desempenha a nível de “indivíduo-consumidor”, a pergunta é: onde o autista se encaixa nessa engrenagem socioeconômica?

Mais do que escola, instituições especializadas e família, o processo de sociabilidade da pessoa com autismo é muito particularizada com a interação e as pequenas trocas comunicacionais e afetivas. Quando se refere a influência deste no meio social, não se percebe aptidões de exercícios socialmente impactantes. A título de exemplo, não é percebível a constante participação política nas decisões de cunho coletivo. Perceba, não existe a tentativa de dizer que as relações sociais e de poder são determinadas por quem possui mais domínio, o poder não se exerce somente de cima para baixo, entretanto, as microrrelações de poder dão a dinâmica que potencializam ou minimizam as ações e correspondências da engenharia social.

Evidente que os estudos de Michel Foucault são indispensáveis para essas análises acerca da sociedade e do poder que cada um possui nela. O anseio de dominar, faz com que muitas vezes o dominante vire uma espécie de porta-voz dos não rotulados por ele, dominados.

Em um espaço pequeno o autista sim, tem influência e chama a atenção no âmbito social explícito, até porque se chamar é para ser auxiliado, a prerrogativa é de ambas as partes. É com licença que utilizo aqui um termo oriundo de estudos sobre a biografia de Pierre Bourdieu. Em algumas obras, Bourdieu se propõe a discorrer sobre o tal “capital cultural”, analogias à parte, é um termo que poderia ser difundido de forma velada, é obvio, afinal a maioria dos dominantes de um discurso social jamais trariam tamanha diferença à tona.

O “capital” que difere e propõe atuações absolutamente distintas do autista no contexto de meio social, são os códigos comunicacionais utilizados. Isso não necessariamente deveria ser um sinônimo de exclusão, até porque muitos autores falam de inclusão, participação e conexão. Socialmente não existe dúvida exemplificada de que os autistas sejam diferentes, embora os mesmos demonstrem grande capacidade de se adaptar a condições opostas, para muitos desiguais. O próximo tópico retrata a comunicação integrada ao contato e ao desafio que estes autistas são contribuintes ferrenhos.

2.3 Processo de aperfeiçoamento comunicacional

Um aspecto de igual importância é a comunicação. Evidente que ela de certa forma resulta também na engenharia social e na construção de discursos e conceitos. Normalmente é na educação infantil que se identifica o autismo. Alguns estudos são capazes de evidenciar características autistas já com um ano de vida e as observações em relação a amamentação, olhar e boca das crianças formam um passo crucial quando a questão é identificação comportamental.

O contato na escola é primordial para atingir as “metas” comunicacionais dos processos propostos. Os professores ou professoras, dispõem de grau maior para observar atitudes e comportamentos que caracterizam diferenças, sendo assim, são indicados aos pais, tomarem as devidas providências de análises mais minuciosas com especialistas do tipo clínico. Ao passo que um autista é inserido no ambiente escolar, ele passa por etapas destinadas especificamente a ele. Tudo isso para aperfeiçoamento comunicacional dos códigos socialmente instaurados.

O acompanhamento e doses de atos comunicativos testados constantemente até se chegar em uma evolução considerada quase “permanente”, é executado. É trabalhada com fonoaudióloga, diálogos verbais e não verbais, linguagem corporal e dependendo do método, é utilizado alimentos nos quais estas crianças gostem, nada mais é do que uma ferramenta que estimula a comunicação.

Na realidade, os processos comunicativos naturais se distinguem deste ideal da congruência. O ideal não pode ser alcançado porque a transmissão de mensagens sem perda de informação pressuporia a identidade dos códigos do emissor e do receptor: ‘Em termos semióticos, os dois participantes da comunicação teriam que ser uma bifurcação da mesma personalidade. (SANTAELLA, 2004, p. 139).

Para Santaella (2004), a troca de mensagens entre emissor e receptor possuem códigos e signos diferentes. Tendo isso em vista, fica claro que a personalidade pode ajudar ou prejudicar nesse quesito. A interpretação da comunicação não é condicionada ao meio necessariamente, contudo é principalmente relacionada ao fato de não haver sintonia, não se trata de ruído, mas sim de codificações que devido à má decodificação, sugere um deslize na tentativa de reciprocidade comunicacional.

Talvez os ruídos sejam a linguagem de cada um, a forma de se expressar de cada um, utilizar de uma linguagem a curto prazo “dúbia”, não desqualifica o discursante nem o interlocutor. O aprimoramento na escola mostra isso, quanto mais cedo entrar melhor, pois a “agressão” inicial de linguagem será aperfeiçoada com o tempo e com o convívio, para compreensão de aluno e professor, bom que se diga. Os pais também estão no enredo, em escola especial como a APAE, visitada em uma cidade do sul de Minas Gerais para finalidade acadêmica deste artigo e principalmente do trabalho de conclusão, é um espaço que conta com o apoio em atividades feitas no cenário familiar.

A APAE é uma escola dedicada à reabilitação de pessoas e não faz parte da rede pública. Lá se pratica exercícios que dão maiores recursos para incentivar a fala, seja ela de qual tipo for. Os códigos são imensuráveis a nível de imaginação, trabalham desde a interação comunicacional na água até os utensílios mais tecnológicos. Uma premissa importante é a parte de construção psíquica nisso tudo, a contribuição psicanalítica é uma cortesia nesse tipo de abordagem.

Segundo Laplanche (1992), “o ego é sadizado pelo superego; o ego, sobe as ordens do superego, defende-se contra o id, etc. Isso é concebível na óptica de Freud, não somente como uma relação mecanicista de instâncias mas também como uma espécie de debate que se trava no interior do indivíduo”. Essa reflexão faz ter a noção que o autista é um sujeito de ego inflado e isso se verifica em suas ações comunicacionais. Quando é introjetado em alguém, “substâncias” que tentam permear uma linguagem, é perfeitamente possível obter uma determinada investida em “domar” o id alheio.

Como o id é inato, ao ser reprimido quando manifestado, pode se converter em um ego inflado, por isso também a precaução em aperfeiçoar a comunicação que possui códigos que

não se assemelham. A sensibilidade é uma ferramenta e tanto para se aperfeiçoar a comunicação autista e se preparar para o estilhecimento de seus discursos.

2.4 Análise de discurso

Para analisar o funcionamento do desenvolvimento comunicacional ou até mesmo social do autismo, é de grande valor saber entender o quanto um discurso pode influenciar na visão de quem está de fora e até mesmo podendo reproduzir um certo significado sobre determinado tema ou objeto.

Segundo Silva (2012), em sua obra sobre o vigente tema, “pessoas com autismo apresentam muitas dificuldades na socialização, com variados níveis de gravidade”. O autor destaca que existem comportamentos distintos para cada grau, o interessante é ressaltar que para cada situação se tem um diagnóstico diferente.

Todo esse discurso acerca do que é autismo e principalmente, como é o comportamento autista, gira em torno de percepções e pontos de vista que muitas vezes são singulares, como muitas vezes também não o são. Portanto, antes mesmo de interpretar os discursos alheios, é de suma importância ter a real noção do que se passa através de um discurso.

De acordo com Orlandi (2009), “o fato de que há um já-dito que sustenta a possibilidade mesma de todo dizer, é fundamental para se compreender o funcionamento do discurso, a sua relação com os sujeitos e com a ideologia”. Esse trecho mostra o quanto um discurso pode estar enraizado dentro de suas configurações, a simples existência de uma concepção já determinada, é o ponto imprescindível para coletar nos discursos fatores que determinem o seu processamento. Quando se depara com determinadas opiniões e ideias sobre o autismo, não se deve fixar o seu pensamento apenas nas palavras, mas sim no contorno delas, o que dão poder a elas. Quando alguém fala ou produz um raciocínio que se propaga, não o faz por ocasionalidade. Todo discurso busca a adesão, isso é nítido nas mídias e na sociedade.

Jim Sinclair em 1993, no discurso na Conferência Internacional de Autismo em Toronto nos Estados Unidos, falou um pouco sobre o convívio e a ajuda da família no aspecto de interação e combinação de exercícios afetivos. Cito Sinclair devido a sua proximidade com o tema em questão, mas principalmente pelo fato do mesmo não conciliar seu discurso com outros que tratam o autista como uma pessoa extremamente diferente. Sinclair, ao mesmo tempo que vai na “ferida” daqueles que podem prestar assistência, como todos nós, também sabe enaltecer a parte humana do autista.

Perceba, as diferenças sempre iram existir, isso nem sempre justifica que a vida é menos ou mais valiosa que a de outro, o autista possui um jeito de ser, assim como qualquer outra pessoa. Se observarmos as análises que são feitas, a conclusão que chegaremos é de que o mistério de ser autista tem sido “revelado” por quem estuda o caso, e não na maioria das vezes por quem é o examinado, no caso o próprio autista.

A análise de discurso, trabalhando nas confluências desses campos de conhecimento, irrompe em suas fronteiras e produz um novo recorte de disciplinas, constituindo um novo que vai afetar essas formas de conhecimento em seu conjunto: este novo objeto é o discurso. (ORLANDI, 2009, p. 20).

Através de Orlandi (2009), nota-se que o recorte é evidente nos enunciados daqueles que falam em nome de outros ou em causa própria. Antes de mais nada, uma pergunta: como um discurso se propaga e como ele é construído? Cada um em seu campo, cada um terá o que dizer ou o que não dizer sobre qualquer coisa. O mecanismo discursivo pode ser encontrado por todas as partes. Mas a quem se deve “creditar” melhor um discurso sobre autismo? Em um autista ou em um “perito” do caso? É válido dizer que discursos dão vozes a outros, não se pretende descontextualizar a capacidade de uns nem de outros, mas requer delicadeza ao se inserir no ambiente de estudo.

Tanto a Psicologia, Psicanálise, Sociologia e tantos outros campos devem ser ouvidos e compreendidos, cada um deve ter sua contribuição não só no presente trabalho, mas de forma geral em qualquer contexto ou tema dependendo dos fatores. Para Orlandi (2009), “a análise do discurso não estaciona na interpretação, trabalha seus limites, seus mecanismos, como parte de seus processos de significação”.

Esse é o ponto de partida, Orlandi destaca que a interpretação é apenas um detalhe útil, o que coordena esses discursos são os códigos inseridos de formas implícitas ou explícitas nos mesmos. Assim, se chega as significações, cada uma com suas originalidades, não buscar uma resposta conclusiva e nem usar da interpretação a única ferramenta para se decifrar símbolos e valores, é o intuito da abordagem.

Os benefícios que o desenvolvimento comunicacional pode trazer para o âmbito autista é notório, apesar do discurso que pode soar majoritário, tanto o autista quanto aqueles que o cercam, devem saber entender um ao outro. Assim como podemos ter discursos sustentados por outros discursos, é perfeitamente possível se criar uma “ponte” para se comunicar nos variados discursos que os autistas muitas vezes propagam e que não possuem porque não, o efeito desejado ou o receptor não consegue “traduzi-lo”.

Sempre que um falante fala, ele escolhe, entre os processos que existem simultaneamente em sua memória, processos que supõe existirem simultaneamente também na memória de seu ouvinte. Este acordo social é precisamente o que se chama convenção. (SANTAELLA, 2004, p. 94).

Essa “ponte” talvez já tenha um esboço, Santaella (2004) é quase detalhista ao traçar as linhas que unem ou separam um ato comunicativo. É interessante também saber que as possíveis congruências de efeitos comunicacionais estejam em uma fala ou discurso um pouco complicados. Por um lado, essa escolha de códigos é uma parte que sustenta as propostas de quem fala ou deseja ser ouvido, nem sempre se fala com as palavras ou com gestos, os códigos te permitem difundir seus discursos de diversas formas. Entretanto, a reciprocidade de códigos idênticos que se identifiquem ao longo de um suposto diálogo que se execute, para não dizer que é nula, é pequena.

Portanto, tendo em vista todo esse arsenal discursivo e conceitual que abrange as formas de se comunicar, analisar e interpretar, resta saber aperfeiçoar os métodos e observações empíricas. Os mais variados conceitos difundidos ou particulares pairam pelo ar, não se basta flutuar pelo cotidiano e ambiente autista, o autismo pode ser considerado um transtorno, ele é considerado assim, talvez para outros sejam uma habilidade distinta de outras, assim como são a maioria das habilidades. A importância do assunto e do trabalho estão não somente nas palavras ou nos discursos, mas sim nos atos e no desenvolvimento, o intuito da melhoria contínua na comunicação deve ser adquirido por ambas as partes, assim como um elo que dá sentido as conexões.

2.5 Ferramentas de Comunicação

A formação educacional de uma criança autista é primordial para o seu desenvolvimento comunicacional. Existem formas terapêuticas, metodológicas e até brincadeiras que estimulem o processo cognitivo e linguístico, entre muitos métodos educacionais de inclusão e comunicação, a de se destacar três, são eles o TEACCH, PECS e ABA.

Todas essas ferramentas são fundamentais para o autista no meio escolar e até familiar. Trata-se de proporcionar ao autista, auxílios que potencializam sua interação verbal e comportamental ao longo das atividades. Agora conheceremos a idealização de cada uma dessas ferramentas.

2.5.1 TEACCH

O TEACCH (*Treatment and Education of Autistic and Related Communication Handicapped Children*) que pode ser traduzido e como Tratamento e Educação de Crianças Autistas e com Desvantagens na Comunicação. É um método que busca levar a pessoa com autismo a um grau considerável de autonomia. Claro que isso só é possível com os exercícios de interação social que viabiliza uma comunicação mais desenvolvida.

Esse programa foi criado na década de 60, ou seja, além de ter duração de longa data, com o tempo vem se aperfeiçoando. Basicamente o TEACCH propõem a criação de uma estrutura mais adaptada e “simpatizante” ao fato de possibilitar o autista, uma espécie de roteiro organizado e com tarefas a serem cumpridas. Tudo isso é escolhido após uma análise psicoeducacional, através disso é possível ter um perfil detalhado e geral do autista.

Não é só a escola que deve obter esse tipo de trabalho comunicacional, a família é um ponto de partida. É por ela que se consegue dados pessoais, não os comuns e sim preferências, todo tipo de preferência. A família compõe um diálogo que é construído na escola e levado a outros ambientes.

No ambiente escolar (e no lar) pode ser montado um painel de rotina, no qual estarão as atividades que a criança realizará ao longo do seu dia, como comer, brincar e ir ao banheiro. Esse material pode ser confeccionado através de imagens, palavras ou materiais concretos, a fim de organizar o espaço físico a ser trabalhado. Com isso, a criança conseguirá visualizar sua rotina, estruturar melhor o seu dia, o que facilita o aprendizado e proporciona mais autonomia. (SILVA, 2012, p. 84)

Para Silva (2012), a criança com o decorrer do tempo, pode assimilar essas estruturas fazendo com que seu desenvolvimento transcorra de forma gradual. A intenção máxima é formar pessoas com uma necessidade menor de dependência. Como esses programas necessitam do apoio familiar e até da comunidade, essas rotinas devem ser pensadas para diversos cenários cotidianos.

Assim como os pais em casa, é importante incentivar a criança a fazer suas coisas sozinha, tais como se cuidar, lavar as mãos, fechar os potes de tinta, guardar o material. Cabe ao professor fazer uma aliança com os pais para elaborar novos desafios para a criança, que possam ser praticados em casa e na escola: comer sozinha, por exemplo. Isso possibilita que ela pratique o que aprendeu em ambientes diferentes. (SILVA, 2012, p. 86)

Segundo Silva (2012), mais do que seguir um plano arquitetado por especialistas, é de função familiar aprimorar novos desafios. A aliança que Silva tenta promover, é o

compartilhamento de atividades simples que se repetidas, podem até ser colocadas como tarefas já construídas no repertório cognitivo e conseqüentemente comunicacional, aponto de colocá-las em transcendência.

Quando se desafia algo, é correto ter em mente a possibilidade de chegar ou não ao ponto desejado. Cada autista é diferente em suas maneiras de habilidade e percepção, o que o TEACCH danifica, é o mais do mesmo que pode ocasionar um aprisionamento de referências que em suma, não dão conta de captar o afazer comunicativo e comportamental.

O tratamento, essa é a palavra, a busca por tratar de modernizar constantemente a estrutura de tarefas autistas. Ao ter um modelo que ajuda no sistema de trabalho e no suporte a ganhos de uma comunicação que utiliza o entendimento rotineiro, é uma peça que favorece até profissionais e outros métodos primários ou secundários. A crítica em relação ao TEACCH é válida também, pontuar que essa ferramenta pode tonar mecanizados os adeptos a ela, é palpável. O problema está na engrenagem socioeducativa que nem sempre estabelece um sistema de comunicação onde as várias formas de se comunicar e de se comportar, são mais do que não aceitas, são despercebidas.

Contudo é possível notar os benefícios desse programa de cunho individual devido a suas análises. É notório a aceleração a médio e longo prazo com os exercícios da TEACCH, mais do que isso, é a concepção de um calendário e até cardápio diário. O professor tem sua contribuição, assim como os pais, entretanto o que mais valoriza esse tipo de item, é o autista com seu desempenho e capacidade.

2.5.2 PECS

O PECS (*Picture Exchange Communication System*) é mais um programa que visa o aperfeiçoamento comunicativo. É traduzido para o português como: O sistema de comunicação por troca de figuras. É a ferramenta que confere aos usuários, uma melhoria na parte funcional do ato comunicativo. Esse programa que utiliza figuras para o aprimoramento do vocabulário linguístico dos alunos, condiciona-os a uma base de diálogo protagonizados pelos autistas e especialistas como fonoaudiólogo.

É uma comunicação alternativa, o autista tem uma certa dificuldade em assimilar linguagens, o PECS é útil em suprir carências desse aspecto. Ele obviamente é baseado na pirâmide do ABA, eles são matéria-prima no quesito de desenvolver a fala do autista. É perceptível que todas essas ferramentas formem um elo, unidas conseguem formatar um mecanismo comunicativo.

As crianças com autismo apresentam grande variação no desenvolvimento da linguagem; algumas têm poucas habilidades na fala e quase não conseguem se comunicar. Outras falam com elaboração, mas podem ter dificuldade de compreensão. Saber transitar nesse universo tão amplo é de fundamental importância para os professores. Para a criança com grandes dificuldades de comunicação e de se fazer entender: o professor pode ajudá-la com métodos simplificados. (SILVA, 2012, p. 82)

Não só métodos simplificados, ou melhor, a simplicidade pode estar em muitos instrumentos de comunicação. Silva (2012) é de uma versão muito escolar em linhas gerais que acabam migrando para especificidades. Observe, ao constatar as dificuldades na linguagem e na comunicação como um todo, se faz necessário a utilização de peças que consigam “dialogar” com o autista. Assim se explica o recurso de outras ferramentas como o ABA, que nada mais é que a análise do comportamento aplicado, todo esse catálogo se assim pode ser chamado, é o que enriquece a dinâmica comunicativa instalada em sala de aula e posteriormente, executada com os pais ou responsáveis.

As trocas variam de estágios para estágios de desenvolvimento. Um exemplo é o uso de um alimento dentro de uma tentativa de estabelecer trocas. Os professores e especialistas sabem o que cada aluno gosta, os autistas se encontram em uma comunicação onde estes, possuem mais recursos para romper as barreiras de códigos diferentes.

Essa idéia de que um sinal não só indica o que ele significa, mas também o que ele não significa entre todas as alternativas que o código apresenta, é essencialmente estruturalista. Para um estruturalista, significação não é só a indicação de um significado por um significante, mas devido a sua oposição implícita com os outros signos do mesmo sistema, o signo também se refere àqueles signos que estão excluídos na intenção do comunicador no momento do ato comunicativo. (SANTAELLA, 2004, p. 108)

Em um olhar mais semiótico, Santaella (2004), demonstra os fatores que mais se assemelham ao discurso do uso do PECS. No ato comunicativo, por um fator ou outro ligados a signos, professor e aluno, no caso o autista, estão ligados a uma troca de mensagens onde não só o significado é o preponderante, mas o “não significado” também. É o certo e o errado, é claro que muitas vezes se depara com a perda semântica de significado e significante, no mais é um utensílio que ajuda a identificar o valor comunicativo dessa ferramenta.

A comunicação exige cuidados e repetição no conceito autista. Quando se fala em uma estrutura dentro de uma teoria da comunicação, se diz muito sobre canal e trocas de significados. Nesses moldes, o autista e o sujeito que está executando esse ideal comunicativo, podem se conectar, fazendo com que um entenda o outro. Para o professor isso é motivo de

melhora didática, a partir do momento que as “lacunas” vão se preenchendo, um novo “mundo” aparece para ser desbravado.

É bom sempre frisar que cada caso é um caso. Além de utilizar alimentos, o PECS e a parte de psicologia escolar, pode autorizar o uso de brinquedos, afim de trabalhar outras áreas que podem acarretar em uma disponibilidade comunicacional maior. Dependendo do grau de autismo, a criança pode ter um processo de desenvolvimento mais lento e chegando até a impossibilidade de conseguir interagir através desses programas.

Para crianças com autismo clássico, isto é, aquelas crianças que têm maiores dificuldades de socialização, comprometimento na linguagem e comportamentos repetitivos, fica clara a necessidade de atenção individualizada. Essas crianças já começam sua vida escolar com o diagnóstico, e as estratégias individualizadas vão surgindo naturalmente. Muitas vezes, elas apresentam atraso mental e, com isso, não conseguem acompanhar a demanda pedagógica como as outras crianças. Para essas crianças serão necessários acompanhamentos educacionais especializados e individualizados. (SILVA, 2012, p. 75).

Para Silva (2012), isso fica evidente quando se refere a autistas que após uma abordagem de convivência, necessitem de cuidado individual do professor. Isso não necessariamente significa que eles estão excluídos de trabalhar nas ferramentas de comunicação, mas de certa forma precisarão de uma assistência maior. Interessante que as técnicas e métodos variam de escolas para escolas, o acesso a programas e ferramentas de utilidade comunicacional, vão do perfil de cada instituição e obviamente da conjuntura social, particular ou especializada.

O que se aprende com o PECS, é a tarefa ser feita corretamente. Não se deve colocar uma estrutura de aperfeiçoamento da comunicação, sem antes saber o que realmente deve ser feito. Tudo deve seguir um plano de acordo com cada categoria e aprendizagem, até mesmo devido ao condicionamento do autista para com o sistema de comunicação, sufocar seria o indício de um trabalho sem começo.

Ao utilizar uma comunicação por trocas de figuras, a importância do professor em fazer a manutenção da estrutura escolar do autista é grande. O especialista já sabe na maioria das vezes o que fazer, no entanto um professor que está nesse convívio em sala de aula, deve ter a dimensão de onde se encontra o aluno no estágio comunicativo do PECS. Ora, seria um erro de avaliação e planejamento, não saber se o autista está ou não tentando estabelecer um código linguístico desenvolvido no PECS, afinal de contas, o que se desenvolve no momento da comunicação por figuras, pode muito bem ser reproduzida na sala de aula, sem que o especialista esteja.

Observamos que os professores estudam e se instrumentalizam rapidamente quando há uma criança com necessidades especiais em suas salas, mas se desgastam e se angustiam com as frustrações causadas pela quebra da expectativa que têm desses alunos. Muitos vão a congressos e aprendem técnicas novas, mas na hora de aplicá-las é bem diferente. Julgam-se, na maioria das vezes, pouco competentes e despreparados, o que faz com que desistam ou se sintam culpados. Outros encaram esse desafio como uma "questão de honra", mas podem incorrer no erro de deixarem os demais alunos de lado, causando mais problemas. Alguns têm receio de serem recriminados pelos pais, outros não têm a menor idéia do que fazer e, simplesmente, ficam à mercê das vontades da criança. (SILVA, 2012, p. 77)

Em outro tom, o mesmo Silva (2012), deixa nítido o funcionalismo que o professor deve ter e não ter. Ao depositar expectativas de evolução nos alunos, pode se deparar com um atraso ou complicações que são naturais dependendo do caso e momento, tendo isso em análise, o professor deve saber “ler” seus alunos. Identificar neles os discursos silenciosos ou verbais, nunca um pode ser refém do outro, o autista precisa do auxílio pedagógico, já o professor precisa das respostas dos mesmos, sejam elas positivas ou negativas.

O PECS é dividido em seis fases, bom informar que a utilização da comunicação por figuras é aceita em muitos lugares do mundo. É uma ferramenta de acesso fácil, não possui materiais tão complicados e os resultados são a chancela de uma quase garantia de desenvolvimento mútuo. É um avanço para a pedagogia mais especializada, ter o que se deseja através de atos comunicativos mediados por figuras, é o símbolo de uma estrutura que se adapta e produz amostras do seu repertório.

2.5.3 ABA

O ABA (*Applied Behavior Analysis*) é traduzida como a Análise Comportamental Aplicada, ele é outro recurso que permite ao autista, ganhos em linguagem e habilidade. É uma espécie de terapia, o ABA é um meio de se investigar, aplicar e fortalecer uma série de arsenais comportamentais que visam a saúde e a capacitação do indivíduo.

O ABA consiste também na repetição. O objetivo central é ensinar habilidades inéditas para as crianças, despertando nelas um leque de conteúdo comportamental e por consequência, comunicativo. Esses treinamentos são feitos por etapa, o autista geralmente possui um comportamento excessivo e através do diagnóstico, é possível observar déficit e em um campo mais amplo, suas dificuldades comunicativas.

A obra *Mundo Singular*, na qual se faz presente no corpo textual do trabalho acadêmico através de citações, descreve alguns exemplos de comportamentos e “reflexos” comunicativos, que ajudam a entender esses “apetrechos”.

As crianças com autismo ou síndrome de Asperger até tentam se relacionar, mas, depois de constantes fracassos, tendem a associar a vida em grupo com algo pouco prazeroso. Intermediando esse contato por meio de brincadeiras, jogos e atividades, o professor consegue incluir, verdadeiramente, essa criança no ambiente escolar. Com o tempo, a criança desenvolve seus próprios instrumentos para manter as relações, se tornando mais hábil socialmente. O contato social com crianças com necessidades especiais é importante também para os demais alunos, que aprendem a lidar com as diversidades, quebrar preconceitos e construir um mundo mais tolerante e solidário. (SILVA, 2012 p. 80)

De acordo com Silva (2012), por meio destas atividades, o autista de certa maneira cria instrumentos próprios que o ajuda na interação social. Essas atividades, são todos os métodos de comunicação descritos no presente trabalho. Quando se fala em analisar o comportamento, não se deve reduzir esse propósito em apenas um passo dado, tudo está conectado para ser produtivo. Testar o domínio e capacidade de crianças autistas, é um processo que demanda tempo e uma conjuntura ativa, nela está inserida todo o campo escolar e familiar que seja.

O simples fato de reprimir e extrair comportamentos, denotam a sutileza com que esse meio deve ser trabalhado. A perspicácia do ABA está em tornar as dificuldades do aluno em motivações que o deixe bem, no sentido de satisfeito. O autista deve ter um aprendizado no qual o agrade, detendo assim a possibilidade de encontrar seus estímulos e atos que não devem ser repetidos.

A criança com autismo poderá apresentar movimentos estereotipados e repetitivos na sala de aula, como por exemplo balançar o corpo ou bater palmas. Esses comportamentos ocorrem, muitas vezes, sem motivo e não trazem um significado coerente. Por isso, consideramos tais comportamentos como disfuncionais e, na medida do possível, devemos introduzir outras tarefas e atividades para que a criança desperte um interesse e foque sua atenção em comportamentos que tragam resultados melhores para seu desenvolvimento. Se a criança apresenta movimentos repetitivos com as mãos, podemos, por exemplo, incentivá-la a pintar ou recortar, pois assim redirecionaremos essa atividade motora para algo produtivo, impossibilitando que a criança fique presa ao "movimento pelo movimento". (SILVA, 2012, p. 84)

São movimentos e comportamentos como estes descrito por Silva (2012), que devem ser retirados do autista. A de se deixar claro, que a retirada provém do ensino e análise comportamental, não é algo retirado sem uma graduação especializada. O que acontece no comportamento autista, é que muitos desses movimentos involuntários, são traduzidos pelo “interlocutor” como inúteis. Não possuem significado, por isso é fundamental o uso de metodologias que beneficiem o autista a ponto deste, conseguir executar um movimento ou um comportamento mais “social”.

Isso é curioso, nesse ambiente de ensino e trocas de comunicação, é de se perceber uma certa “doutrinação” a nível social. Os dizeres sobre esse aspecto é válido, até mesmo para justificar o modo de uso das plataformas de auxílio comunicativo. O tal “movimento pelo

movimento”, é algo dito por uma pessoa que talvez de certa forma esteja adaptada e convencida de que seu “dicionário”, não conseguiu decifrar o significado de tais movimentos, sendo assim a definição mais precisa, seria de que aquele comportamento está fora da esfera social.

Para trazer resultados melhores, o ABA ao lado das outras ferramentas, conseguem sustentar o repertório a se produzir. Não basta subir um degrau, deve subir uma escada longa, o autista é desafiado a produzir por ele mesmo. O discurso Psiquiátrico é fundamental, atualmente muitos diagnósticos são feitos quando a criança tem um ano de vida, isto é, com uma idade relativamente baixa, é possível concluir ou não que uma criança é autista. A referência sobre o trabalho psiquiátrico e até psicológico, é devido ao fato de através da boca, da alimentação, e até de comportamentos identificados pelo psiquiatra como diferentes, são as suspeitas que levam a uma descrição medicinal assertiva.

Existem outras formas de tratamento, como tratamentos psicoterapêuticos, fonoaudiológicos, equoterapia, musicoterapia e outros, que não têm uma linha formal que os caracterize no tratamento do autismo, e que por outro lado dependem diretamente da visão, dos objetivos e do bom senso de cada profissional que os aplica. (MELLO, 2007, p. 40)

Essa visão é fundamental, Mello aponta outras formas de tratamento. As ferramentas de comunicação são úteis demais para o desenvolvimento, mas como sempre foi frisado, cada causa possui suas peculiaridades, o autista tem um leque de capacidades e talentos, as formas de fazê-lo também possuem muitas variedades.

O vigente projeto de conclusão de curso, não se trata de um produto psiquiátrico e psicológico, mas se faz importante o seu discurso. A importância está na contribuição para as ferramentas comunicativas e comportamentais, o que seria uma identificação dos sentidos sem uma abordagem psiquiátrica? A versão psiquiátrica que se é ouvida, oferece detalhes que a nível da especificidade comunicacional não são amplos, no entanto a de reiterar, a Psiquiatria infantil e a Psicologia são determinantes para propor o estilo de cada autista e as variantes comportamentais e sensoriais que cada um necessitará ou pelo menos, demonstra.

A finalização dessas três ferramentas e principalmente de algumas mensagens que elas visam trabalhar, se limitam em comportamento, linguagem, comunicação e função lúdica. A intenção de criar estratégias de ensino coletivos ou individuais, são os desafios que na prática possuem uma incidência de compensação.

O discurso que se constrói desta maneira não é mais o discurso de um sujeito autônomo, porque, no enunciado, fala a voz do outro em pelo menos dois sentidos, no sentido da voz de todos os interlocutores do passado, cuja influência o discurso reflete,

e no sentido da voz do interlocutor presente, cuja influência se manifesta em argumentos, pontos de vista e réplicas antecipadas. (SANTAELLA, 2004, p. 184)

Toda essa base construída é para aprimorar a comunicação autista, feita a licença a Santaella (2004), é importante saber traduzir resultado dessas digamos assim, interferências. Pois bem, o conjunto dessas ferramentas fazem com que os autistas adquiram repertório e um maior grau de compreensão das coisas ao seu redor e claro, que o outro possa compreendê-lo também. Tirando isso, o que é fundamental em termos sociais e de trocas permeadas pela comunicação, é ter como dispositivo o discurso do outro em seus próprios discursos.

Querendo ou não, o fator de ausência de neutralidade nos discursos, escancaram essa influência reflexiva que um discurso tende a provocar em outros. Para ser mais exato, isso pressupõem comunicação, o ato de se comunicar e de ao mesmo tempo, se encontrar no linguajar alheio, só demonstra que houve um processo de comunicação. Comunicar é partilhar, tornar comum, esse é um argumento que as bases de ensino que acabam fazendo uso de ferramentas de aperfeiçoamento e criação, utilizam para reforçar sua legitimidade.

3 MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa de campo, entrevistas, abordagens qualitativas e o uso de uma narrativa mais descritiva foram os itens de busca e criação do projeto. Se tratando de um assunto onde exija a escolha por uma análise mais embasada, a forma foi assertiva. Os alunos observados são idade de infantil e estudam na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), isto é, um centro especializado em reabilitação situado numa cidade do Sul de Minas Gerais. A APAE é uma escola que possui um maior aparato para o aperfeiçoamento no caso destas crianças autistas.

Toda observação através desse contato próximo foi essencial no processo de desenvolvimento do trabalho. No caso, o principal material foi o convívio em sala de aula com os alunos, ter a experiência de olhar o objeto no qual se estuda, é uma ferramenta que fornece a quebra de barreiras que a priori poderiam criar modelos pré-estabelecidos. É claro que o uso do diálogo aberto com especialistas foi útil, embora não estejam todas retratadas no presente artigo por se tratar de algo mais resumido, as entrevistas com fontes nas áreas de Psiquiatria, Psicopedagogia e fonoaudiologia é de virtuoso conhecimento para a atual etapa, o trabalho de conclusão.

Após a formulação clara do problema e de sua delimitação, elabora-se um plano de trabalho para orientar os procedimentos seguintes. Esse plano, geralmente, é provisório e passa por formulações sucessivas. Contudo, é de toda conveniência que esteja razoavelmente elaborado quando se iniciar o trabalho de confecção das fichas. O plano de trabalho, geralmente, apresenta a forma de uma coleção de itens ordenados em seções correspondentes ao desenvolvimento que se pretende dar à pesquisa. (GIL, 2008, p.73)

Após a observação precisa de Gil, nota-se que um trabalho de pesquisa não possui necessariamente, métodos assertivos. É de se imaginar que ao saber os métodos, logicamente o pesquisador já conhece o seu objeto de pesquisa, portanto com a citação é possível interpretar que a pesquisa pode mudar de rota em termos de plano e procedimento. Contudo, o que se realmente aplica em um trabalho como esse, são pressupostos teóricos metodológicos.

É uma contribuição mais do que textual, é cognitiva. Antes de mais nada, o trabalho é jornalístico, pois visa conhecer os processos comunicativos e o impacto destes para os autistas. Obviamente que alguns contextos foram estudados e observados, não necessariamente relatados. Os materiais procurados são de ampla categoria, a necessidade se fez presente para esferas mais próximas do ambiente autista quando se refere a comunicação.

Todo o arsenal de conteúdo recebido e ouvido, é de fundamental importância para explorar o que foi planejado. Não seria possível conhecer um autista sem antes ter um “dossiê”

sobre ele, coletivamente dizendo. A metodologia escolhida para trabalhar foi executada e bem aproveitada, o autista é uma pessoa cheia de mistérios como qualquer outra, a intenção é propagar um pouco alguns desses mistérios.

Como foi adiantado na introdução, o universo autista é o principal local onde as pesquisas e relações empíricas foram construídas. É importante ressaltar que cada argumentação no desenvolvimento textual, teve a contribuição total das amostras e das metodologias empregadas. A técnica de pesquisa qualitativa corrobora com o estilo pretendido no final do trabalho completo, não se trata de dados estatísticos que evidenciam um fato, mas sim a interpretação de discursos e características que possibilitam uma conexão minimamente suficiente para a compreensão da causa investigada.

O objetivo final da pesquisa, é apurar corretamente um espaço pouco lembrado. Demonstrar a cautela jornalística e o fato de ter que ir até o objeto de análise para não cometer equívocos irreparáveis, é a grande intenção. Afinal, sem a pesquisa não haveria trabalho e sem o afazer jornalístico, não teria necessidade de um aluno que cursa Comunicação Social, sair e buscar, examinar informações.

Acima de tudo, o trabalho e os materiais, são oriundos de um pensamento coletivo em busca de respostas e de uma escolha de pesquisa genuinamente jornalística. O tema é social, isso explica a razão central de cada detalhe e cada caminho traçado em termos de metodologia.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Um aspecto de grande convicção é a inserção do autista no ambiente escolar. A hipótese de que algumas crianças não se adaptarem em um contexto escolar e sendo assim se isolarem em campos privados, é absolutamente pequena. Ao ser inserido em uma vida de relações sociais no âmbito de ensino é considerado a melhor adaptação no ambiente do que se negado inicialmente, podendo assim dificultar as coisas. Um indicador é o fato de que as crianças, pela idade que possuem, não criarem um impedimento que acometa uma certa tentativa de socialização, isso não significa que exista uma interação considerável entre emissor e receptor.

Na “hora da rodinha”, brincadeira na qual os alunos tentam trabalhar sua percepção em relação as palavras, letras e números, os autistas não desenvolvem trocas. Entenda, a interação durante a atividade, não emite troca de mensagens entre digamos assim, autistas e não autistas. Enquanto todos os alunos tentam praticar o exercício, os autistas parecem estar com o pensamento em outro lugar, em outras palavras, não demonstram a mínima intenção com os colegas ou com o professor. Querendo ou não, emissor e receptor não conseguem codificar e decodificar mensagens.

Segunda uma Psicopedagoga, que foi uma das fontes de todo o trabalho, a linguagem é a porta para o conhecimento de cada aluno em questão. A Psicopedagoga ressalta, “ela é um sinal muito importante no desenvolvimento das crianças, porque a linguagem é uma forma simbólica do seu pensamento”. Seja qual tipo de linguagem for, a comunicação permite os mais variados meios e códigos, um olhar ou o ato da criança chorar e até mesmo a negação em praticar alguns exercícios, podem ser uma tentativa de se comunicar. A área de fonoaudiologia por exemplo, trabalha a parte da linguagem com instrumentos que tentam estimular os autistas.

A atividade consiste em interação. É feita uma seleção de alimentos que cada autista gosta. A especialista segura um determinado alimento e deixa uma ficha com o nome do mesmo, perto do autista. A tentativa comunicacional se dá através de uma percepção. Para o autista comer o alimento, ele precisa pegar a ficha e entregar na mão da especialista, sendo assim, ela entrega o alimento as mãos do aluno e pronuncia de forma clara o nome do determinado alimento. Além de tentar memorizar o nome da bala, bolacha ou até mesmo fruta, é nítido o formato de decifrar códigos para se criar diálogos, é claro que cada aluno vai acompanhado de uma professora e quando não consegue interagir a ponto de perceber as investidas de trocas de mensagem, a professora auxilia o seu pupilo, levando a mão dele na ficha e entregando para a fonoaudióloga.

Em alguns momentos a comunicação se faz presente, em outros não. Cada um possui um método de se comunicar distinto, alguns até semelhantes. A vantagem é que com o tempo e as tentativas, se pode analisar o aperfeiçoamento e o processo com um todo. Cada autista é diferente, deve ser trabalhado em linhas gerais parecidas, no entanto em linhas especificamente apropriadas para cada um.

Portanto, a parte inata é dependendo do caso, mero procedimento que com o tempo pode ser trabalhada em um espaço social. Um item curioso é o comportamento de algumas escolas para com as outras, especialmente por opções dos pais. Para não dizer que não se falou em outros colégios, as escolas de rede estadual da cidade pesquisada, através da sua Secretaria de Educação, viabilizam pessoas de gabarito pedagógico para acompanharem os alunos autistas. Já a APAE, tem uma licença de especialização e não se trata necessariamente de superioridade para lidar com diversas pessoas especiais, assim como no caso do autista. Feita essa consideração, a grande discussão é se o desenvolvimento e ambientalização seriam melhor em uma escola “apropriada” ou em um colégio público.

O assunto é cauteloso e abrange muitos desafios. Pensando em um lado social, seria melhor utilizar os dois métodos, fazendo uma espécie de balanço ao ponto de que a criança desfrute de um processo comunicacional menos agressivo, partindo da premissa que cada um é cada um, ao mesmo tempo saindo da zona de conforto, gerando a longo prazo uma interação mais realista, levando em conta a imposição do modelo social dominante.

Ao pensar em família e em ambiente mais apropriado ou não, a psicopedagoga também comenta sobre a família. A profissional que atua por tantos anos no meio escolar, diz que “a questão da família é muito importante, essa relação constante tanto para a família nos ensinar como lidar com as crianças, dar dicas”. O costume cotidiano dos pais ou responsáveis com os filhos, é a base para saber o jeito de cada um, com a experiência isso se torna fácil, no entanto o conhecimento de quem está mais próximo afetivamente dizendo, é um “resumo” do que é aquela pessoa.

Uma visão interessante sobre o conceito de autismo, é que a procura por ele admite apuração, ou seja, aquele que se interessar pelo tema deve verificar pessoalmente a veracidade dos conteúdos previamente estudados. Há de se imaginar que o motivo, não seja somente pelo fato dos códigos, discursos ou até métodos de aperfeiçoamento mudarem, mas sim para não vincular na fala de quem está pleiteando uma busca, diálogos já consagrados de obras e estudos sobre o tema. O autismo é mais do que ler livros indicados que relatam o assunto, a apreciação do convívio por um certo período de tempo com o sujeito autista, seja ele de qual idade for, mas sim, a apresentação de uma versão jamais traduzida em obra acadêmica ou literária.

O maior resultado é encontrado através da presença e da mínima interação que se permite conseguir, o que nos difere são detalhes que demonstram nossos variados instrumentos de comunicação. Trabalhar com um recurso chamado PECS, isto é, símbolos de comunicação pictórica, potencializam o desenvolvimento comunicativo e é especialmente utilizada com autistas. São alternativas para trabalhar a linguagem, se não expressiva, através de imagens, figuras, símbolos, tudo é feito para se criar uma situação de comunicação, onde signos e códigos são colocados à prova.

A produção de incentivar a fala dos silenciosos é válida e faz parte de uma estrutura preparada para dar base no processo comunicacional. A resposta para todos esses estudos, é a criação de laços de integração, que mesmo diferentes, se fazem tão capazes quanto outros, no ensino educacional se busca o resultado de um desenvolvimento a partir da própria criança. Não há que fazer comparações com outras. O fato de uma pessoa ser igual ou diferente, em termos comunicacionais ou não, de forma alguma torna esta pior ou melhor que outra.

5 CONCLUSÃO

O artigo promove uma sinopse do trabalho de conclusão de curso. É claro que foi feito buscando a ampliação de conteúdo. O tema tratado é um assunto muito específico, embora deveria ser de interesses maiores. Levar a relevância deste trabalho para as estruturas sociais é um desejo não só do autor, mas daqueles que trabalham com o autismo, que o assunto seja estudado mais a fundo em nível mundial.

A manifestação atitudinal daqueles que de forma velada participam da engrenagem social é muitas vezes solidária em tons de superioridade, seja em qualquer intromissão. Retomando o raciocínio, o autista precisa sim de ferramentas que o auxiliem no ambiente onde o próprio é colocado a superar desafios, entretanto, não é discutido de forma polissêmica a sua função quando voltado para a esfera social.

O Autista talvez não queira se intrometer nas decisões públicas, o problema é quando sua comunicação é chancelada como inferior. Sendo isso, ele se torna uma pessoa que não possui ação, a tarefa da escola é desenvolver o seu referencial cognitivo, fazendo um repertório que compreenda o interlocutor e também os faça o entender. Um problema desta pesquisa foi o processo de coleta, pois muita gente não se permite discutir o autista no meio social e mesmo os considerando brilhantes, no sentido de capacidade, não conseguem uma solução para as relações de poder terem ao menos um ajuste.

A comunicação autista é de amplo interesse jornalístico mesmo? Os códigos são diferentes, a intenção deve ser a mesma, o jornalismo é prestação de serviço público, não há que ser seletivo, embora grande parte saiba que isso é boato. Os veículos de informação precisam aperfeiçoar suas condições de propagação, nem sempre se sabe quando um assunto desses vai ser pauta. O fundamental é saber que eles, os autistas, fazem parte do radar de cada um, pelo menos deveria fazer.

Não basta deduzir ou especular, a observação do objeto no ambiente doméstico e privado, fornece as chaves para se abrir as portas que antes eram construídas no imaginário de cada um. A duração desse “antes” vai de acordo com a iniciativa, curiosidade, busca de cada um, para conhece-los é preciso também aperfeiçoar a própria linguagem e código comunicacional.

O efeito dos estudos é a certeza de um trabalho bem feito e elaborado na avaliação a priori. Nada foi modificado e algumas coisas serão revisadas e outros fatores serão o complemento de um projeto que visa divulgar aqueles que muitas vezes são anonimamente

excluídos. Vale ressaltar que todas as obras foram válidas e que cada item bibliográfico consultado teve sua importância, assim como a pesquisa de campo.

Por fim, a provocação que o artigo pode deixar é a seguinte: será que todo esse mecanismo comunicacional e de inserção social, tem a intenção de tornar o Autista uma pessoa cuja conduta seja uniforme ao modelo socializado? Ora, é pertinente, talvez sim, inconscientemente o dominante em diferentes camadas, não consiga perceber isso. A resposta também pode ser não, se olhar com olhos de benignidade, talvez enxergue cortesia da parte que rege a moda. Tirando essas colocações, o autismo é de fato uma excepcionalidade humana que necessita de pessoas com conteúdos especiais para que haja reciprocidade comunicacional e ao mesmo tempo, uma correlação de diálogos que permita o indício de uma tentativa de vida que transcenda os interesses desinteressantes para os solicitantes e para os solícitos. O autismo nada mais é do que uma forma de viver, aprender e ensinar.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, P. Os três estados do capital cultural. In: CATANI, Afrânio; NOGUEIRA, Maria Alice (Orgs.) **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 65-79.
- CUNHA, E. **Autismo e Inclusão**: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família. Rio de Janeiro: Wak, 2011.
- DURKHEIM, E. **O suicídio**: estudo de sociologia. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 24.ed. São Paulo: Edições Graal, 2007.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de L. M. Ponde Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. p. 49-120.
- LAPLANCHE, J. **O Inconsciente e o Id**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- MATTELART, M. **História das teorias da comunicação**. 8. ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- MELLO, A. M. S. R. D. **Autismo**: guia prático. 7. ed. São Paulo: AMA, 2007. p. 35-55.
- MITTLER, P. **Educação inclusiva**: contextos sociais. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 8. ed. São Paulo: Pontes, 2009.
- SANTAELLA, L. **Comunicação e semiótica**. São Paulo: Hacker Editores, 2004.
- SELAU, B.; HAMMES, L. J. **Educação inclusiva e educação para a paz**: relações possíveis. São Luiz: EDUFMA, 2009.
- SILVA, A. B. B. **Mundo singular**: entenda o autismo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.